

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.009



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ZELO DESTRUTIVO: QUANDO O CUIDADO COM AS COISAS DE DEUS ULTRAPASSA A VONTADE DE DEUS (PERSPECTIVA HISTÓRICA)¹

*Destructive zeal: when care for the things of God surpasses the will of God
(historical perspective)*

Samuel Cristian Hein²

RESUMO

O zelo pelas coisas de Deus constitui um aspecto importante da vida cristã, pois expressa o compromisso com a fé, a Palavra de Deus e a missão da Igreja. Entretanto, quando desprovido de equilíbrio, conhecimento e amor, esse zelo pode assumir um caráter destrutivo, levando a atitudes de intolerância, perseguição, abuso de poder e afastamento da própria vontade divina. Este trabalho tem como objetivo analisar manifestações do zelo destrutivo em diferentes períodos da história da Igreja, identificando suas motivações, consequências e possíveis relações com práticas presentes no contexto eclesial contemporâneo. Para isso, aborda episódios da Igreja Imperial, com destaque para os conflitos doutrinários envolvendo Ário e Nestório; da Igreja Medieval, marcada por disputas de poder, pelas Cruzadas, pela Inquisição e por tentativas de reforma; da Igreja Reformada, considerando os conflitos religiosos envolvendo grupos anabatistas e as ações de João Calvino em Genebra; e da Igreja Moderna, com atenção ao fundamentalismo e às reações de determinados grupos cristãos às transformações culturais e científicas. Ao longo da análise, busca-se compreender como o zelo, embora frequentemente motivado pelo desejo de defender a fé e preservar a doutrina, pode ser desvirtuado quando interesses institucionais, políticos ou pessoais se sobrepõem ao amor, à misericórdia e à missão cristã. O trabalho também estabelece relações entre os acontecimentos históricos e situações contemporâneas, especialmente no que diz

¹ Este conteúdo é parte de um trabalho de conclusão de curso desenvolvido na Faculdade Batista Pioneira, desenvolvido no ano de 2022. Este texto é continuidade do artigo que se encontra em <https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/698>

² O autor é bacharel em teologia pela Faculdade Batista Pioneira e obreiro na Igreja Batista Emanuel em Panambi. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8165-4933>. E-mail: samuelhein@hotmail.com

respeito ao abuso de autoridade, à valorização excessiva das estruturas e tradições, à intolerância diante das diferenças e ao enfraquecimento do compromisso evangelístico. Conclui-se que o zelo cristão precisa ser orientado pelo conhecimento da Palavra de Deus, pelo amor ao próximo e pela compreensão da missão da Igreja, de modo que a defesa da fé não se transforme em instrumento de opressão, mas contribua para o testemunho do Evangelho e para a edificação da comunidade cristã.

Palavras-chave: Zelo. Igreja. História. Deus.

ABSTRACT

Zeal for the things of God is an important aspect of Christian life, as it expresses commitment to faith, the Word of God, and the mission of the Church. However, when lacking balance, knowledge, and love, zeal can become destructive, leading to intolerance, persecution, abuse of power, and actions that contradict God's will. This paper aims to analyze manifestations of destructive zeal in different periods of Church history, identifying their motivations, consequences, and possible connections with practices in contemporary ecclesiastical contexts. It examines the Imperial Church, highlighting doctrinal conflicts involving Arius and Nestorius; the Medieval Church, marked by power struggles, the Crusades, the Inquisition, and attempts at reform; the Reformed Church, considering religious conflicts involving Anabaptist groups and John Calvin's actions in Geneva; and the Modern Church, focusing on fundamentalism and the reactions of certain Christian groups to cultural and scientific changes. The analysis also relates historical events to contemporary situations, particularly regarding the abuse of authority, excessive emphasis on institutional structures and traditions, intolerance of differences, and the weakening of the Church's commitment to evangelism. It concludes that Christian zeal must be guided by knowledge of God's Word, love for one's neighbor, and an understanding of the Church's mission. Thus, defending the faith should not become an instrument of oppression but should contribute to the witness of the Gospel and the edification of the Christian community.

Keywords: Zeal. Church. History. God.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentará uma visão sobre o zelo, principalmente sobre o zelo destrutivo, em que momento foi aplicado de forma incorreta e de forma correta. Abordará como a Igreja foi permeada de um zelo excessivo em diversos aspectos ao longo da história. Ademais, na conclusão, será apresentada uma visão acerca do equilíbrio no zelo com as coisas de Deus, mostrando como evitar chegar aos extremos e viver no centro da vontade de Deus. Será visto como muitas vezes, pelo imenso desejo de fazer o certo e zelar pelo Reino e pelas coisas de Deus, pessoas ultrapassaram a vontade de Deus e impediram o avanço e a proclamação do Evangelho. Como resposta, o trabalho terá como objetivo ser um alerta de como o zelo destrutivo tem permeado a história e como afeta a Igreja atual da mesma forma, para que o leitor possa enxergar as perspectivas contemporâneas e buscar evitar esse mau zelo.

O assunto aborda um tema importantíssimo que é o cuidado para com as coisas de Deus, o que a Palavra de Deus ressalta do seu começo ao fim. O trabalho visará colaborar com um estudo bíblico e com aplicação prática para o problema do zelo destrutivo, o excesso de cuidado com as coisas de Deus. Ajudará a ter uma visão e um parâmetro de como aplicar o

zelo com a Igreja de forma prática, a fim de que a Igreja desenvolva um trabalho equilibrado e possa ser bênção para a sociedade. O interesse veio a partir das aulas na Faculdade Batista Pioneira e de uma conversa que despertou o interesse para o tema. Após ouvir vários exemplos práticos, seja em sala de aula ou em conversas, foi visto a necessidade de pesquisar sobre o assunto e ver como o zelo destrutivo ainda atua na Igreja e como evitar os erros do passado e do presente.

O desafio de ser equilibrado quanto ao zelo e não ultrapassar a vontade de Deus é grande. O descumprir dessa vontade traz destruição e separação ao invés de bênção e restauração. Tendo isso em mente, surge a pergunta: *“O que algumas perspectivas da história evidenciam sobre o zelo e como chegar a um equilíbrio?”*

No decorrer de todo o conteúdo, após os pontos necessários, será apresentado como o zelo, no contexto bíblico ou histórico vigente, se apresenta na Igreja atualmente. Isso terá como objetivo alertar o leitor de que os problemas do passado podem se apresentar com uma nova roupagem no presente. Será visto que o zelo é o inspirador de grandes projetos espirituais. Muito se pode fazer com o zelo, como levar a Igreja a vontade de Deus, mas o zelo destrutivo se mostrará e se revelará na destruição da Igreja.

Serão abordados momentos na história da Igreja quando o zelo desmedido pelas coisas de Deus destruiu vidas, famílias, movimentos e manchou a imagem do Evangelho. É necessário abordar o tema ao longo da história, pois o que aconteceu no passado deve ser aprendido para melhorar o futuro e para que os erros não se repitam. O bom zelo levou homens na história da Igreja a grandes realizações da parte de Deus, projetos que não poderiam ser completados sem um enorme zelo pela causa do Senhor. No entanto, o zelo mal orientado guiou homens, as vezes com boas intenções pela causa do Senhor, a muitas perseguições, banimentos, encarceramentos e até crimes de sangue. Há, segundo Champlin, um zelo piedoso da parte de Deus e um zelo satânico, que leva a morte e maldade.³

Há uma profunda lição espiritual aqui. Os homens podem cometer erros ao tentar realizar supostas boas coisas. É fácil enganar-nos e fazer uma viagem pelo “ego”, ou ocultar o ódio sob a capa da espiritualidade. É fácil destruir e então dizer: “Fiz isso para Deus”. Entrementes, a única lei universal, a do amor, é esquecida.⁴

Para isso, o trabalho será dividido em quatro períodos da história da Igreja: a Igreja Imperial, a Igreja Medieval, a Igreja Reformada e a Igreja Moderna. Em cada período, serão apresentados acontecimentos que permitem observar como o zelo pelas coisas de Deus foi exercido, bem como as consequências de sua aplicação desmedida. Também serão consideradas algumas implicações desses acontecimentos para a Igreja atual, buscando compreender como o zelo pode ser praticado de maneira equilibrada, sem perder de vista a Palavra de Deus, o amor e a missão cristã.

³ CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, vol. 6, p. 886.

⁴ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis**. São Paulo: Hagnos, 2001, vol. 2, p. 1172.

A análise parte do entendimento de que o zelo pode contribuir para a realização de importantes ações em favor do Reino de Deus, mas também pode se tornar prejudicial quando deixa de ser orientado pelo conhecimento, pelo discernimento e pelo amor. Desse modo, a reflexão proposta não pretende desconsiderar a importância da defesa da fé e da fidelidade às Escrituras, mas questionar as atitudes que, em nome desses compromissos, comprometem a dignidade humana, a comunhão cristã e a proclamação do Evangelho. Espera-se, portanto, que o estudo contribua para reconhecer as manifestações do zelo destrutivo na história e na atualidade e para refletir sobre uma prática cristã equilibrada, comprometida com a vontade de Deus e com o testemunho de Cristo.

1. O ZELO DOUTRINÁRIO E O PODER NA IGREJA IMPERIAL

A Igreja Imperial começa com uma grande e exultante notícia - o imperador Constantino se converteu! O Cristianismo venceu o império, a Palavra de Deus triunfou. Há muitas coisas a se considerar nesse momento da história da Igreja. A “conversão” do império e o reconhecimento do Cristianismo é realmente uma vitória, mas muitas coisas negativas vieram com a unidade da Igreja e do Estado.⁵

Um triste episódio ocorreu no ano de 390, quando o imperador Teodósio, no Ocidente, decidiu zelar pela Igreja. Ao saber das práticas homossexuais de um cocheiro, lançou-o na prisão, o que causou a ira do povo, que assassinou o governador por não o libertar. Imbuído de um zelo destrutivo, esperou uma corrida de bigas em Tessalônica começar, fechou as portas com o povo dentro e naquele dia 7 mil cidadãos foram mortos a espada. Ambrósio, arcebispo, sentiu-se na obrigação de resolver o problema, a fim de defender a humanidade e o nome da Igreja. Enviou uma carta repreendendo o imperador e o excomungou da Comunhão até que se arrependesse de seus atos. O imperador resistiu inicialmente, mas por fim aceitou as condições e se humilhou por seus atos em perdão.

Era necessária muita coragem para enfrentar e humilhar um imperador bizantino, mas nessa ocasião fora descoberta uma arma que, em breve, seria utilizada para domínio e poder por parte da igreja - a excomunhão - que seria usada para humilhar príncipes e reis e para controlar aqueles que saíam fora das doutrinas da Igreja.⁶ “O período é ainda uma boa ilustração de como um forte zelo pela doutrina pode levar uma pessoa ou uma igreja involuntariamente ao erro, se não se fizer um estudo equilibrado da Bíblia”.⁷

1.1 Ário e o debate sobre a divindade de Cristo

Um dos grandes debates dos primeiros séculos foi acerca da Cristologia. Estava em pauta a divindade de Cristo. A teologia moderna tem muito a agradecer a esse tempo, pois muito do que é desenvolvido e crido tem por base as discussões que aconteceram séculos

⁵ SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018, p. 109-111.

⁶ SHELLEY, 2018, p. 117-118.

⁷ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. P. 105.

antes. O conhecimento desses assuntos ainda era obscuro, a teologia estava em desenvolvimento e pessoas estavam sujeitas a erros de interpretação graves, mesmo que suas intenções fossem as melhores. Muitas doutrinas confundiam até os maiores teólogos, que através de trabalho árduo conseguiram elaborá-las.⁸

Um grande debate surgiu em Alexandria entre Ário e Alexandre, por volta de 318 d.C. Ário, ao tentar criar uma teologia sobre a divindade de Cristo, escreveu que o “Logos” encarnado em Jesus (Jo 1.14) significava que Cristo havia sido criado pelo Pai e que, por conseguinte, era uma divindade inferior e não eterno desde o princípio como o Pai. Cria que Cristo era uma divindade menor e de natureza diferente. Como escreveu ao bispo Eusébio de Nicomédia: “O Filho tem um começo, mas [...] Deus, não”. Cria que Deus era tão radicalmente singular que não podia partilhar a sua substância com nada.⁹ Zeloso em não desenvolver uma teologia politeísta, “Ário acabou concebendo uma doutrina que recusava a verdadeira divindade de Cristo”.¹⁰

Ário caiu em um grande erro hermenêutico; no entanto, fez isso em uma época em que não havia sido desenvolvida uma teologia acerca do assunto. Movido por um zelo por Deus e pela Palavra, infelizmente caiu em um erro de interpretação. Seu ensino, infelizmente, parecia-se com as religiões pagãs, que criam em um deus supremo e diversos semideuses abaixo dele. Por isso, muitos ex-pagãos começaram a seguir a teologia de Ário, pois achavam difícil compreender Cristo como coexistente e coeterno com o Pai.¹¹

O ensino de Ário não foi tolerado e Alexandre convocou um sínodo em Alexandria, e o resultado foi a excomunhão. Isso fez com que Ário recorresse a seu amigo Eusébio de Nicomédia, o que desencadeou uma disputa teológica para defender o seu lado. O que poderia ter sido resolvido de forma pacífica e com debates,¹² “tornou-se um teste de força entre as duas igrejas mais importantes do Oriente: Nicomédia, a capital política e a capital intelectual”.¹³

Ário provocou tumultos nas ruas de Alexandria e calorosos debates, o que precisava ser resolvido urgentemente. Constantino interveio e convocou um concílio em Niceia no ano de 325, que foi importantíssimo para o desenvolvimento da teologia. Os mais de 300 bispos presentes tiveram seu transporte pago pelo imperador. Constantino falou brevemente aos eclesiásticos, lembrando-os de que deveriam chegar a algum acordo diante das questões que os separavam, pois, divisão na Igreja era pior do que guerra.¹⁴

De acordo com um relato do concílio, alguns bispos que apoiavam Ário queriam a vitória completa a todo custo e defenderam sua causa com arrojo e confiança. O conselho como um todo ficou tão perturbado que a apresentação foi interrompida aos gritos. Pelo jeito, todos aqueles bispos

⁸ CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Vida, 2003. P. 38.

⁹ SHELLEY, 2018, p. 121.

¹⁰ CAIRNS, 1995, p. 107.

¹¹ CURTIS, 2003, p. 39.

¹² CAIRNS, 1995, p. 107.

¹³ SHELLEY, 2018, p. 122.

¹⁴ CURTIS, 2003, p. 39-40.

vinham de igrejas onde Jesus era adorado, então, enfatizá-lo como um tipo diferente de ser certamente soou irreverente aos seus ouvidos. Em certo sentido, o concílio havia acabado ali; a doutrina de Ário perdera a rodada. Em seguida, veio o trabalho árduo de elaborar uma declaração que fosse adotada pelo concílio, mas que também excluísse os ensinamentos de Ário.¹⁵

Todos os presentes, exceto dois, assinaram o credo do concílio de Niceia. Por eles não terem assinado, foram exilados junto com Ário pouco tempo depois. O imperador Constantino, junto com os bispos, comemorou a vitória e selaram uma amizade entre o império e a Igreja.¹⁶

Após o episódio de Niceia, contudo, Constantino e seus sucessores precisaram intervir várias vezes, banindo ou exilando algum eclesiástico. A doutrina da Igreja dependia, com muita frequência, do controle do imperador, e a corte estava infestada de porta-vozes de partidos cristãos. Como consequência, o poder imperial estava sempre banindo bispos e trazendo-os de volta de acordo com o grupo de conselheiros eclesiásticos em alta no momento.¹⁷

“A sabedoria coletiva dos bispos foi consultada nos anos que se seguiram, [...] Constantino deu início à prática de unir o império e a igreja no processo decisório. Muitas consequências perniciosas seriam colhidas nos séculos futuros dessa união”.¹⁸ Embora o concílio tivesse chegado a uma conclusão, não evitou que os anos entre 325 e 381 fossem um tempo de muitas lutas, atritos e regado a ódio.¹⁹

1.2 Nestório e as controvérsias cristológicas

Outro grande debate sobre a pessoa de Cristo foi acerca de suas duas naturezas: humana e divina. Nesse contexto surgiu Nestório, pregador de Antioquia e ordenado bispo de Constantinopla pelo imperador no ano 428. Ele cria na divindade de Cristo, mas rejeitava a ideia de Maria como a “genitora de Deus”.²⁰ Defendia que existiam duas pessoas na figura de Cristo, que viviam em harmonia moral e em uma fusão de vontades, mas não em uma união essencial. Nunca dividiu Cristo em dois filhos, mas, como ele mesmo afirmou: “Eu separo as naturezas, mas uno a adoração”. Sua crise era com a ideia de Maria ser mãe do ser divino ou considerar, por exemplo, que Deus na pessoa de Jesus poderia ter três dias de vida (quando bebê).²¹

Nestório foi altamente condenado por seu pensamento, mas a história demonstra que foi mais por razões políticas do que teológicas. Virou alvo de hostilidade de Cirilo, patriarca de Alexandria, que em 428 d.C. iniciou seu ataque, acusando-o e difamando-o em Roma, o que fez o papa Celestino ficar ainda mais descontente com o fato. No concílio geral de Éfeso (431

¹⁵ SHELLEY, 2018, p. 122.

¹⁶ CURTIS, 2003, p. 40.

¹⁷ SHELLEY, 2018, p. 124.

¹⁸ CURTIS, 2003, p. 40.

¹⁹ CAIRNS, 1995, p. 108-109.

²⁰ CAIRNS, 1995, p. 109.

²¹ SHELLEY, 2018, p. 134.

d.C.) foi deposto e expulso da capital por ordem de Cirilo por questões políticas e de poder, disfarçadas de zelo pela Igreja e pela doutrina.²² “Cirilo conseguiu que Nestório fosse deposto antes que ele e seus amigos pudessem chegar ao local das reuniões”.²³ Nestório foi exilado no Egito onde morreu no ano de 450. “Até hoje não é claro até que ponto os ensinamentos de Nestório foram realmente heréticos e até que ponto ele foi vítima de mal-entendidos e deturpações”. O historiador Williston Walker chamou o episódio de “uma das disputas mais repugnantes na história da Igreja”.²⁴

Em sua autobiografia, Nestório insiste que não se opunha ao uso da expressão “genitora de Deus” por negar a divindade de Cristo, mas para enfatizar que Jesus nascera como um ser humano genuíno, com o corpo e alma, e suas preocupações não eram infundadas. Contudo, ainda que injustamente, a Igreja atribui o nome Nestório à postura de não se considerar verdadeiramente unidas em Jesus as naturezas divina e humana.²⁵

1.3 O zelo doutrinário e o exercício da autoridade na Igreja contemporânea

Infelizmente os casos como de Ário e Nestório não ficaram no passado. Eles tomaram novas roupagens e estão na igreja contemporânea. São casos como de líderes que utilizam as organizações para manterem o seu “império” e o que conquistaram, por medo de que outros o tomem ou o ameacem, como Rinehart bem mostra em um exemplo:²⁶

Dois missionários veteranos são mantidos fora de uma grande cidade porque um líder se sentiu ameaçado pela presença deles. “Eles não são controláveis”, diz o líder. Esse homem disse isso para manter muitos outros missionários nacionais e estrangeiros fora de “sua área” ao longo dos anos. Mas agora seus colegas veem que ele aplicou essa mesma estratégia para tirar outras pessoas ou impedir a entrada de missionários. “Enganador e manipulador” são palavras que descrevem seu controle sobre a organização, mas por fora ele manteve uma boa fachada, usando toda a linguagem certa. Isso está abaixo de nosso chamado de líderes que receberam a ordem para ajudar no cumprimento da Grande Comissão no nosso mundo.²⁷

Quando a Igreja vive inflada com o ego, sente-se ameaçada por outros. Líderes assim corrompem o Reino, não aceitando ajuda e cooperação para a obra do Senhor, mandando embora aqueles que os “ameaçam”. Ário e Nestório foram excomungados e exilados por apresentarem ideias que diferiam e que ameaçavam. A reação imediata foi como desses péssimos líderes que dizem: “Você não está fazendo o que queremos, então deve ir embora”. Há de ressaltar que as ideias deles foram hereges e contrárias à verdadeira doutrina, mas a

²² SHELLEY, 2018, p. 134-135.

²³ CURTIS, 2003, p. 56.

²⁴ SHELLEY, 2018, p. 134-135.

²⁵ SHELLEY, 2018, p. 135.

²⁶ RINEHART, Stacy T. **Liderar a luz da eternidade: o modelo de Jesus**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2021, p. 132-133.

²⁷ RINEHART, 2021, p. 132-133.

pergunta que se deve fazer é se o modo como isso foi tratado foi também de acordo com a verdadeira doutrina.²⁸ Muitas vezes:

A tradição está mais arraigada em nós do que a Palavra de Deus. Somos capazes de deixar de lado um versículo, mas incapazes de deixar de lado nossas tradições. Muitas vezes fazemos coisas contrárias à Bíblia baseados em nossas tradições. [...] As tradições são tão fortes que geralmente quando alguém é expulso da Igreja, o motivo não é a violação de alguma doutrina da Bíblia, mas a transgressão de alguma tradição. [...] É todo o nosso ser que diz não a Deus quando Ele não concorda com as nossas tradições, mesmo quando dizemos que a Bíblia é a nossa única regra de fé e doutrina.²⁹

2. O ZELO INSTITUCIONAL E A BUSCA PELO PODER NA IGREJA MEDIEVAL

Na Igreja Medieval, o foco passou a ser cada vez mais manter estruturas e poder a qualquer custo, mesmo que esse custo fosse a Palavra ou pessoas, ao invés de manter a pura doutrina. O dinheiro, a instituição e a política tornaram-se o foco da Igreja por praticamente um milênio.³⁰ Também usaram dos mais diversos meios para conquistar o céu e passaram a ver a igreja (estrutura) como meio para isso. Como bem discorre González:

Durante toda a “era das trevas” a faísca dos ideais evangélicos sempre esteve acesa. Os nobres que guerreavam entre si, os membros dos diversos partidos que disputavam o papado, e os servos que no fim das contas proviam o sustento da Europa, todos eram cristãos. Chamá-los “cristãos nominais” não seria correto, pois sua fé, apesar de talvez errada ou infrutífera, e sem dúvida por demais ignorante dos desígnios de Deus para a história humana, era sincera. Tratava-se antes de pessoas para as quais a fé era a maneira de ganhar o céu, que lhes parecia tão real como a terra em que viviam. Para elas a salvação da alma era o propósito último da vida humana, e por isto as maiores atrocidades eram desculpadas com base na justificação eterna.³¹

A maior parte da Europa “tornou-se cristã” nessa época. Os ritos religiosos como casamento, batismo, confissão, entre outros, eram seguidos e realizados religiosamente, no entanto, nada se parecia com o Reino de Deus. Eram frequentes as disputas de poder, conflitos e o esquecimento das pessoas comuns, que ficavam marginalizadas frente a prioridade estrutural da Igreja católica.³²

2.1 Breve panorama: a concentração do poder eclesiástico

O poder dos papas sobre o governo e o império era cada vez maior e cada vez mais as decisões da Igreja eram mais políticas do que religiosas. Mais em busca de poder humano do que do poder de Deus. Os chamados “falsos decretos” deram grande poder aos papas, que passaram a possuir poder de frear os superiores imperiais. Um caso que aumentou o poder

²⁸ RINEHART, 2021, p. 133.

²⁹ ORTIZ, Juan Carlos; BUCKINGHAM, Jamie. **Ser e fazer discípulos**. São Paulo: Loyola, 1979, p. 80-82.

³⁰ SHELLEY, 2018, p. 170.

³¹ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do Cristianismo, a era dos altos ideais. São Paulo: Vida Nova, 2001. Vol. 4, p. 7.

³² CURTIS, 2003, p. 82.

do papado é o do papa Adriano II, que repreendeu Lotário a apenas participar da ceia se tivesse se arrependido do seu caso de adultério, caso contrário, provocaria o juízo de Deus sobre todos os presentes para a comunhão da ceia. Ele tomou a ceia mesmo assim e pouco tempo depois uma terrível praga ocorreu na corte do rei, o que aumentou ainda mais a autoridade papal.³³

O papa seguinte foi João VII, que se envolveu em problemas políticos e acabou sendo assassinado em seu próprio palácio envenenado, e como demorava a morrer, deram-lhe um golpe de machado no crânio. Após esse momento os papas sucediam uns aos outros rapidamente e a história tornou-se cheia de intrigas, discórdia entre partidos. “Não faltaram papas que foram estrangulados, ou que morreram de fome nos calabouços em que seus sucessores os tinham colocado. Às vezes houve mais de um papa, e até três”.³⁴ Os três papas tentaram reivindicar o poder para si mesmos e houve diversos conflitos e rivalidades que só foram resolvidos após muitas discussões e desdobramentos.³⁵

Alguns episódios que precederam essa época foram terríveis e mostram como a Igreja havia apenas se tornado um lugar de disputa por poder. Em 897, Estevão VI presidiu o chamado “concílio cadavérico”, no qual desenterrou seu antecessor Formoso. Junto com seus súditos, vestiram-lhe com a indumentária, o acusaram de diversos crimes, cortaram seus dedos e jogaram seus restos em um rio. Pouco depois, em 904, Sérgio III mandou prender e assassinar dois de seus rivais: Leão V e Cristóvão I. O papa Sérgio chegou ao poder por conta da ajuda de uma família poderosa da Itália e foi amante da filha da família. O filho do papa e da amante subiu mais tarde ao trono como João XI. Com a morte do papa, o marquês Guido invadiu o palácio e aprisionou o papa João X, que depois foi morto asfixiado com um travesseiro. Cada vez mais se afundava a Igreja atrás de um falso zelo, que escondia suas intenções políticas e egoístas. Houve aqueles que zelaram verdadeiramente e tentaram modificar a Igreja nesse tempo, mas seus esforços não foram o bastante.³⁶

Exemplo de tentativa de reforma foi por parte do bispo Bruno, que lutou contra a simonia, que é a compra ou venda ilícita de coisas espirituais (como indulgências e sacramentos) ou temporais ligadas às espirituais (como os benefícios eclesiásticos). Para começar sua luta, recusou-se a aceitar o cargo de papado pelas mãos do imperador e só assumiria se o povo e o clero o elegessem, e assim foi. Tornou-se papa em 1049 e tomou o nome de Leão IX. Seu desejo era ir para Roma como “apóstolo” e não como apóstata. Infelizmente seus esforços não foram o suficiente para revolucionar a Igreja, pois defendia que os sacramentos eram válidos e empunhou armas para guerrear contra os normandos. Havia muito a ser mudado no contexto do Igreja.³⁷

³³ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do Cristianismo, a era das trevas. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 3, p. 178-179.

³⁴ GONZÁLEZ, 1995, p. 179.

³⁵ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do Cristianismo, a era dos sonhos frustrados. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 5, p. 71-73.

³⁶ GONZÁLEZ, 1995, p. 179-181.

³⁷ GONZÁLEZ, 2001, p. 17.

2.2 As Cruzadas e a legitimação religiosa da violência

Como bem diz Gonzáles:

De todos os ideais elevados que cativaram o espírito da época, nenhum foi tão avassalador, tão dramático, nem tão contraditório como o das cruzadas. Durante vários séculos a Europa ocidental derramou seu fervor e seu sangue em uma série de expedições cujos resultados foram, nos melhores casos, de pouca duração; e nos piores casos, trágicos. O objetivo era derrotar os muçulmanos que ameaçavam Constantinopla, salvar o Império do Oriente, unir de novo a cristandade, reconquistar a Terra Santa, e em tudo isto ganhar o céu. Se este último propósito foi alcançado ou não, cabe ao Juiz Supremo decidir. Todos os outros foram concretizados, de uma ou outra forma. Mas nenhum deles de maneira permanente.³⁸

Quem foi o idealizador das cruzadas foi o papa Urbano II, que lançou a primeira cruzada em 1095. Ele queria ter o domínio do Oriente e mais poder, enquanto os príncipes do ocidente brigavam entre si. Os guerreiros convocados sentiam-se fazendo um serviço a Deus, eram assegurados de que seus serviços teriam benefícios espirituais e minimizariam seu tempo no purgatório ou até mesmo poderiam ter acesso direto ao céu. “Depois da vitória na Terra Santa, houve um banho de sangue. “‘Não faça prisioneiro algum’, era a tática que os cruzados usavam. Um observador apaixonado escreveu que os soldados ‘cavalgavam com sangue chegando até a altura de suas rédeas’”. Prestar um serviço a Deus era tão nobre e nenhum príncipe ou imperador poderia oferecer isso, assim a Igreja ganhava mais poder que o império.³⁹

Em 1095, Urbano convocou o Concílio de Clermont. Ali, ele pregou um sermão inspirador: “Uma horrível notícia está sendo propagada [...] uma raça amaldiçoada e totalmente alienada de Deus [...] invadiu as terras dos cristãos e os expulsou por meio da espada, da pilhagem e do fogo”. Ele fez o seguinte apelo: “Devemos retomar as terras dessa raça ímpia, subjugando-a a nós”. “*Deus vult! Deus vult!*” [“Deus deseja isso!”], gritava a multidão. E esse se tornou o grito de guerra das Cruzadas.⁴⁰

“Talvez o resultado mais significativo tenha sido o esplendor adicional que as cruzadas conferiram ao papado”. Disfarçado de zelo pela terra santa, grandes atrocidades foram feitas em nome da fome pelo poder e engrandecimento da estrutura da Igreja. A cada novo papado, uma nova cruzada era lançada e o terror ficou na memória de povos por gerações em nome do egoísmo.⁴¹

Todavia, assim como os arquitetos góticos, que construíam suas catedrais a alturas cada vez mais elevadas até as torres racharem e caírem, os papas tentaram o impossível. A Europa cristã não tinha necessidade da Síria ou de Jerusalém, portanto, a captura delas viera em um momento de entusiasmo, mas a Europa cristã não tinha poder para mantê-las sob seu controle. Enquanto o comércio e as cidades ofereciam novos interesses aos

³⁸ GONZÁLEZ, 2001, p. 47.

³⁹ CURTIS, 2003, p. 82-84.

⁴⁰ CURTIS, 2003, p. 83.

⁴¹ SHELLEY, 2018, p. 217.

governantes e ao povo, os papas permaneciam fiéis ao antigo controle cristão ideal da Terra Santa, e essa era sua preocupação constante. Infelizmente os papas nunca defenderam duas verdades básicas que jamais devemos esquecer: que as satisfações mais elevadas do cristianismo não são asseguradas pela posse de lugares especiais e que a espada nunca é a maneira divina de ampliar a Igreja de Cristo. Essa falha garantiu o colapso religioso de toda a estrutura.⁴²

As Cruzadas evidenciam como o zelo religioso pode ser distorcido quando se associa à busca por poder e à justificativa da violência. Embora fossem apresentadas como uma forma de defender a cristandade e recuperar a Terra Santa, essas expedições produziram mortes e sofrimento, revelando a contradição entre os objetivos religiosos anunciados e os meios utilizados para alcançá-los. Desse modo, o episódio demonstra que a intenção de servir a Deus não justifica ações contrárias aos princípios cristãos. Além disso, o fortalecimento do poder papal nesse período ajuda a compreender a relação entre religião e poder político, que se torna ainda mais evidente no pontificado de Inocêncio III, abordado a seguir.

2.3 Inocêncio III e a consolidação do poder papal

Por volta de 1125, o império começou a decair vagarosamente, enquanto o poder da Igreja crescia vertiginosamente, chegando no seu ápice com o papa Inocêncio. Como uma forma de organizar o império após a morte repentina de Henrique, o imperador Inocêncio elegeu Oto para o trono, mesmo que outro possuísse mais direito, reivindicando que o outro estava em pecado por conta dos atos de seus pais. O papa afirmou que o papa tem autoridade sobre o imperador, assim como Deus estabeleceu luminares para governar o dia e a noite, assim também estabeleceu o papado para governar a terra, como se fosse uma extensão da sua ação. A ação do papa desencadeou uma terrível guerra civil, que após dez anos terminou com a vitória de Oto e o poder do papado intacto.⁴³

Sobre Inocêncio III, Shelley questiona o seguinte:

Uma coisa estava clara: a visão de Inocêncio III sobre o Cristo no céu que governava, por meio de seu Vigário, todas as nações, todo o conhecimento e toda a graça na vida presente e na vindoura enfrentava um rival formidável na antiga imagem do Salvador que havia afirmado: “As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça”. Mas onde, afinal de contas, está o verdadeiro cristianismo? Em uma instituição sacramental ou em um estilo de vida abnegado?⁴⁴

O grande poder da Igreja atingido por Inocêncio também resultou nas Inquisições. Os métodos de torturas prolongadas utilizados no processo de punir hereges não podem ser conciliados com a vontade de Deus. Como afirma Shelley, “o problema é que, ao expulsar um demônio, a Igreja abriu a porta para outros sete”. A Igreja estava lutando contra infiéis nas cruzadas e também incinerando e torturando hereges em seus territórios. Como viam a Igreja

⁴² SHELLEY, 2018, p. 217.

⁴³ GONZÁLEZ, 2001, p. 171-179.

⁴⁴ SHELLEY, 2018, p. 230.

de Roma como o corpo, utilizavam o texto de Mateus 5.30 como base para que os membros podres (hereges, segundo a visão da Igreja da época) fossem cortados fora. E foram, mas através de tortura e fogo.⁴⁵

Em resposta a grande pompa e infraestrutura da igreja que só crescia, irrompeu um grande movimento de líderes que decidiram viver abnegados das riquezas. Revelou-se que o cristianismo político e a pompa não podiam responder a todas as questões, pois do que adianta ganhar o mundo e perder a alma (Mt 16.26). De que servem as cruzadas, grandes feitos arquitetônicos, o poderio e as discussões escolásticas se o povo passava fome e era desprezado, se recebiam pedra ao pedir pão (Mt 7.9). Muito mais que fome física, o povo tinha fome espiritual.⁴⁶

2.4 João Hus e os conflitos em torno da reforma da Igreja

As pessoas não suportavam mais a manutenção da Igreja política e distante dos ideais bíblicos praticados pelos apóstolos. Surgiram grandes homens de Deus para questionar os ideais de poder. Um desses homens foi João Hus, cujo martírio foi um dos estopins para a Reforma. Influenciado pelos ensinamentos de Wycliffe, começou a reparar e apontar as diferenças gritantes vistas nas pinturas da Capela de Belém: Cristo andava a pé, era humilde e não possuía pompa ou poder, do outro lado, os papas e líderes religiosos desfilavam em palácios folheados a ouro, viviam e desfrutavam de poder e do melhor que o mundo podia oferecer. O mundanismo e a falta da autoridade da Bíblia na Igreja impulsionaram Hus a querer mudar as coisas.⁴⁷

A pregação de suas ideias, pautadas na Palavra de Deus, angariou diversos seguidores. O clero ficou ainda mais enfurecido quando Hus começou a enfatizar que Cristo é quem deve ser o cabeça da Igreja, que somente Ele pode perdoar pecados e que nada além da Bíblia deveria estabelecer doutrinas. Hus chamou os crentes a obedecerem a Bíblia, mesmo que fosse contrária às ordens da Igreja ou até mesmo do papa. “Sob ataque, Hus se recusou a negar que afirmara que quando um papa ou um bispo estivesse em pecado mortal, ele deixava de ser papa ou bispo”. Obviamente Hus foi preso, pois mexeu no conforto dos poderosos e não se retratou dizendo: “eu não renunciaria à verdade nem mesmo por uma capela repleta de ouro”. Em 6 de julho de 1415 a igreja o condenou formalmente e Hus foi entregue às autoridades seculares para que fosse executado. Como disse seu executor:⁴⁸

“Vamos cozinhar esse ganso”. O homem a quem essas palavras se referem era João Hus, cujo sobrenome significa “ganso”, em seu idioma pátrio, o tcheco. A pessoa que proferiu essas palavras se referia ao fato de que Hus seria queimado em uma fogueira. Porém, quando o Estado e as autoridades eclesiásticas condenaram Hus, estavam acendendo a fogueira do nacionalismo e da Reforma da igreja.⁴⁹

⁴⁵ SHELLEY, 2018, p. 231,136.

⁴⁶ GONZÁLEZ, 2001, p. 8.

⁴⁷ CAIRNS, 1995, p. 206-207.

⁴⁸ CURTIS, 2003, p. 100-101.

⁴⁹ CURTIS, 2003, p. 99.

O caso de João Hus evidencia os conflitos gerados quando a autoridade institucional se sobrepõe à crítica fundamentada nas Escrituras. Sua condenação e execução revelam como a defesa do poder eclesiástico pode resultar na perseguição daqueles que questionam suas práticas. Ao mesmo tempo, sua trajetória contribuiu para o questionamento de estruturas da Igreja que seriam retomadas posteriormente pelos movimentos de Reforma. Esse episódio reforça a importância de avaliar não apenas as convicções defendidas, mas também os meios utilizados para as defender. Na sequência, será possível observar como problemas relacionados ao poder, às estruturas e ao uso do zelo religioso também encontram paralelos na Igreja contemporânea.

2.5 O zelo institucional e suas implicações para a Igreja contemporânea

O amor pelas estruturas, por poder e dinheiro ao invés do zelo correto pelas coisas de Deus não é exclusivo da Igreja medieval. Será que a verdadeira Igreja mora nos “palácios modernos”, adornados, modernos, tecnológicos e banhados a ouro? Será que ela estava no sangue derramado nas cruzadas ou está na excomunicação dos opositores? Será que a Igreja não está mais para um lugar que zela pelos famintos, necessitados física e espiritualmente?⁵⁰ A Igreja tentou de tudo para manter a pompa e as estruturas. Se preciso, opunha-se a senhores ou se aliava a eles se estes a ajudassem a ser uma Igreja rica, linda e poderosa.⁵¹

“Embora nosso coração seja bom, nossas ações às vezes revelam que estamos focados na organização, e nosso foco organizacional tem prioridade sobre Jesus e seu Reino. Isso é idolatria”. O problema nunca foi a estrutura em si, pois ela é um meio para um grande fim. “A estrutura é necessária para sustentar a vida. Temos pele e ossos. As flores têm caules, e as árvores têm troncos e ramos. O sistema solar tem uma estrutura”. Mas muitas vezes acaba-se caindo no seguinte erro:⁵²

As organizações no Corpo de Cristo podem cair sob o controle de pessoas carnais que as usam para seus próprios fins. A manipulação, o abuso de poder e o controle sobre as pessoas podem ser justificados com os mandatos da organização. A organização torna-se a peça central ou ponto focal, e tira a autoridade de Jesus. É uma forma de os líderes não serem punidos pelas práticas carnais. É isso o que chamo de organizacionalismo.⁵³

O dinheiro da Igreja Romana era investido em poder e estrutura, o que não difere em muito da atualidade. Jesus ensina que o dinheiro deve ser gasto em tesouros eternos (Mt 6.19,20). Mas o que seria isso? É investir o dinheiro da Igreja para que vidas sejam alcançadas. “O líder cristão deve buscar o reino e não o lucro. Deus sabe quais são as necessidades dos seus filhos e acrescentará todas as coisas aos que põem em primeiro lugar o Reino de Deus (Mt 6.33)”. Hudson Taylor acreditava que a obra de Deus nunca sofreria da falta de recursos

⁵⁰ SHELLEY, 2018, p. 231.

⁵¹ GONZÁLEZ, 2001, p. 31-32.

⁵² RINEHART, 2021, p. 127-128.

⁵³ RINEHART, 2021, p. 129.

e nunca lhe faltou nada. Aqueles que focam no dinheiro e criam mirabolantes planos financeiros por preocupações terrenas ainda precisam aprender muito sobre fé em Deus.⁵⁴

As Igrejas acabam muitas vezes por apenas apoiar aqueles a quem ela controla, como por exemplo os seus missionários ou seus enviados. Isso causa um individualismo no Reino que não deveria existir. Infelizmente algumas Igrejas caem no erro de utilizar a oferta específica para crescimento de outras áreas. Isso é desvio de verba disfarçado de zelo. Outro erro é a Igreja tratar as finanças assim como uma empresa trata. A Igreja de Cristo não é uma empresa, mas um Reino vivo, guiado e conduzido pelo Senhor. Não se está afirmando que se deixem de usar estratégias e bons planos financeiros, mas que a Igreja não é uma empresa. O Reino é uma família unida para servir ao Senhor Jesus, e não deve ver a obra como uma busca de quem faz melhor, como uma corrida ou uma competição. O foco precisa estar em Jesus. O que será que Ele pensa ao ver a Igreja agindo de forma incoerente com as finanças?⁵⁵

A Igreja que se faz indiferente frente às necessidades dos famintos e necessitados, buscando lucro, não se faz diferente da Igreja Medieval que se importou em ter recursos em detrimento das pessoas e da vontade de Deus. “Um líder comprometido com o Senhor precisará de sabedoria para avaliar como o dinheiro é gasto, para que Deus seja supremamente glorificado”.⁵⁶ Muitas vezes o tesoureiro da Igreja foca em guardar o dinheiro, como se o Deus da obra não fosse suficientemente grande e provedor. Por fim, por um zelo pelas finanças e pelo Reino, acaba deixando de investir os recursos na obra de expansão do Reino. Se preocupa com a estrutura, com os recursos, zela pelas coisas de Deus, mas esquece de fazer a vontade de Deus.⁵⁷

Neste sentido, destaca que:

Você já esteve em um dos edifícios das belas igrejas na Europa? Eles representam realizações artísticas e arquitetônicas fenomenais. Alguns levaram décadas para ser construídos. Quais eram as motivações de seus idealizadores? O Senhor sabe. As pessoas devem ter sentido orgulho deles. Até hoje são lindos. São monumentos de investimentos financeiros maciços em sua construção. Mas eles nunca foram a verdadeira igreja naquela área. A verdadeira igreja, o Corpo de Cristo, são as pessoas. Nós nos esquecemos disso e damos destaque aos edifícios. As pessoas se foram, mas o monumento permanece conosco. Muitas vezes criamos uma variante disso quando colocamos o foco no nome ou no logotipo de nossa organização. As pessoas vêm e vão, mas a organização permanece - esquecemos o propósito original do edifício ou da organização e, em vez disso, honramos o edifício ou os remanescentes organizacionais.⁵⁸

Portanto, o problema não está na existência de estruturas, na organização financeira ou no planejamento das atividades da Igreja, mas em permitir que esses elementos se tornem

⁵⁴ SHEDD, Russell Philip. **O líder que Deus usa: resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio.** São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 64.

⁵⁵ RINEHART, 2021, p. 134-136.

⁵⁶ SHEDD, 2000, p. 65.

⁵⁷ LEBEDENCO, Ricardo. **Aula da disciplina de administração eclesialística.** Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 04 abr. 2022.

⁵⁸ RINEHART, 2021, p. 129,130.

mais importantes do que sua missão. Quando a manutenção da instituição, a busca por recursos e a preservação do poder se sobrepõem ao cuidado com as pessoas e à centralidade de Jesus, o zelo pelas coisas de Deus pode assumir um caráter destrutivo. A experiência da Igreja medieval serve, assim, como alerta para a Igreja contemporânea: os recursos e as estruturas devem estar a serviço do Reino de Deus, e não se tornar o próprio objetivo da atuação eclesial.

3. NA IGREJA REFORMADA

Completamente diferente do foco da Igreja medieval, a Igreja reformada passou a se preocupar com a defesa da pura doutrina e foi extremamente zelosa pela Palavra de Deus. O grande problema foi que o zelo pela doutrina, em alguns momentos, tornou-se tão excessivo que resultou na perseguição entre os diversos grupos, principalmente daqueles que pensavam diferente. A guerra consistia em ver quem estava certo. Cada um presava pela sua causa, às vezes, em detrimento de vidas e do ímpeto evangelístico. Em certos momentos, a violência acusada pela Reforma também foi usada pela mesma.⁵⁹

A tolerância com opiniões diferentes de outras denominações é fortemente presente atualmente, no entanto não era assim na época da Reforma. “À luz da Reforma, a discórdia não era uma virtude cristã nem um direito humano e, além disso, os reformadores estavam tão ávidos (*zelosos*) por suprimir a inconformidade quanto os católicos” (grifo do autor). A razão disso é o fato de terem que a verdade cristã unia sociedades, portanto, apenas um lado continha a verdade e essa precisava ser defendida a todo custo. Esse zelo causou muito sofrimento e perseguições daqueles cuja única ofensa era a divergência religiosa. “Novos territórios foram moldados segundo o antigo conceito de que podia existir apenas uma religião por região”. Essa luta levou a ideia denominacional:⁶⁰

A teoria denominacional da Igreja, portanto, insiste que a verdadeira Igreja não pode ser identificada com uma única estrutura eclesial. Nenhuma denominação alega representar toda a Igreja de Cristo, e cada uma delas simplesmente constitui uma forma diferente — de culto e organização — da vida maior da Igreja. Os reformadores haviam plantado as sementes da teoria denominacional ao insistir que a verdadeira Igreja nunca pode ser identificada com uma instituição em um sentido exclusivo — a verdadeira sucessão não é de bispos, mas de cristãos. Lutero enfatizou que uma expressão institucional “situada em algum lugar e envolvida nas coisas e atividades do mundo” é inevitável, mas que, “nesta vida, a maneira adequada de se entender a Igreja não é nesses termos”. As formas externas da Igreja, disse Lutero, devem dar à Palavra de Deus livre acesso ao mundo, não bloquear seu poder para salvar.⁶¹

Serão ressaltados apenas dois episódios que ilustram o que foi dito acima: a Reforma Radical, no triste episódio em Munster e as medidas tomadas por Calvino frente aos hereges e opositores.

⁵⁹ CHAMPLIN, 1995, Vol. 5, p. 244.

⁶⁰ SHELLEY, 2018, p. 325.

⁶¹ SHELLEY, 2018, p. 329-330.

3.1 Reforma radical

“A chamada Reforma Radical se tornou sinônimo de Reforma Anabatista”.⁶² Embora pregassem o pacifismo, alguns anabatistas desviaram-se desse conceito, gerando tumulto e interrompendo pregadores protestantes durante suas pregações. Isso tornou o movimento um sinônimo de “ruptura”.⁶³ O movimento anabatista não era homogêneo e haviam divergências doutrinárias. No entanto, foram fortemente perseguidos e reprimidos por meio de exílio, excomunicação, tortura e morte, tanto por parte de católicos como de protestantes.⁶⁴

O movimento começou na Suíça, em Zurique, pois não havia o domínio do papa na região. Zuínglio incentivou a Bíblia como fundamento e encorajou formação de conceitos anabatistas pautados na Palavra. Todavia, pelo motivo de muitas pessoas perderem sua cidadania, retrocedeu no combate ao batismo infantil.⁶⁵ Em 1523, um grupo se opôs a Zuínglio por conta da sua decisão, e em 1525 alguns da comunidade foram “rebatizados”, dando ênfase de que a Igreja deve ser uma comunidade somente de regenerados, tendo como confirmação o batismo de crentes.⁶⁶ O grupo queria voltar aos ideais da Igreja do século I, ao invés de se concentrar na hierarquia e sistemas políticos. Também pregava a separação entre Igreja e estado. A discórdia principal foi o batismo infantil.⁶⁷

Zuínglio tentou convencê-los a mudar de ideia com debate e persuasão, mas ao falhar o “conselho adotou medidas drásticas, como multas e exílio. Em 1526, o conselho decidiu punir com a morte por afogamento todos quantos esposassem os princípios anabatistas”. Em 1531, o movimento estava quase extinto em Zurique, pois os cristãos anabatistas tiveram que fugir para outras regiões.⁶⁸

Um triste episódio foi o que aconteceu em Múnster. Um dos três grandes grupos dos anabatistas eram os escatológicos e espirituais, os quais enfatizavam experiências sobrenaturais, crença em profecias em detrimento das Escrituras e uma forte ênfase no milênio literal na cidade alemã de Múnster.⁶⁹ Por conta da perseguição, esse grupo específico tornou-se violento. Hoffmann, um grande líder desse grupo, profetizou que o Dia do Senhor aconteceria em Estrasburgo, onde seria encarcerado por seis meses e aí viria o fim. Também incentivou os anabatistas a pegarem em armas quando isso ocorresse. E assim aconteceu. No entanto, outro disse que isso aconteceria em Múnster e não em Estrasburgo. Múnster era uma cidade tranquila, havia trégua entre católicos e protestantes e, como consequência, os anabatistas não eram perseguidos, mas tudo estava prestes a mudar quando os anabatistas tomaram a cidade.

⁶² FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013. P. 169.

⁶³ CURTIS, 2003, p. 114.

⁶⁴ FERREIRA, 2013, p. 170.

⁶⁵ CAIRNS, 1995, p. 248.

⁶⁶ FERREIRA, 2013, p. 169.

⁶⁷ CURTIS, 2003, p. 113-114.

⁶⁸ CAIRNS, 1995, p. 248.

⁶⁹ FERREIRA, 2013, p. 169.

O líder do movimento foi João Matthys e seu discípulo, João de Leiden. Ao tomarem a cidade, expulsaram os católicos que em contrapartida sitiaram a cidade e matavam os anabatistas que cruzassem seu caminho. Os protestantes moderados também foram considerados ímpios por esse grupo. Ao tentar lutar contra as tropas católicas, João Matthys morreu e seu discípulo João de Leiden assumiu.⁷⁰

O cerco fez com que muitos passassem fome e muitos homens saíram da cidade. Como havia mais mulheres do que homens, Leiden instituiu a poligamia defendendo-a com textos bíblicos dos patriarcas do Antigo Testamento. “O sítio se prolongava e, ao mesmo tempo que os sitiados necessitavam de alimentos, os fundos do bispo começaram a terminar. Numa ação desesperada, João de Leiden saiu com um punhado de homens e derrotou numa escaramuça os soldados do bispo”. Como venceram, Leiden foi proclamado rei, o que fez com que um grupo que estava cansado dos excessos, da fome e do medo, abrisse as portas para as tropas do bispo.⁷¹ Leiden e seus dois principais assessores foram presos em jaulas de ferro e exibidos por toda região, depois torturados e executados. As três jaulas, exibindo os corpos, foram penduradas na igreja de São Lamberto em Münster, as quais podem ser vistas até hoje. Seus corpos ficaram expostos como sinal por 50 anos.⁷²

Como consequência, os anabatistas como um todo foram associados ao acontecimento em Münster e ao fanatismo religioso.⁷³ Assim, a perseguição tornou-se ainda mais forte e ativa,⁷⁴ e “os Anabatistas foram cruelmente vitimados, tanto pelos protestantes como pelos Católicos. Eles foram forçados a pular, para a morte, de penhascos, e foram afogados, queimados e enforcados”.⁷⁵ No entanto, um novo ânimo para os anabatistas surgiu através do ministério de Menno Simons, que pregou o pacifismo e bons ideais anabatistas, tanto que os descendentes dos anabatistas são chamados de menonitas.⁷⁶

3.2 João Calvino: zelo doutrinário e intolerância religiosa

Um dos grandes feitos de Calvino foi levar Genebra a ser uma cidade modelo em santidade e temor ao Senhor. Em 1541, Calvino foi convidado a retornar a Genebra, para ajudar a cidade a sair da imoralidade e reformar espiritualmente a cidade. Teve grande êxito e transformou-a em um exemplo para todos.⁷⁷ Calvino tornou Genebra um refúgio para os protestantes que estavam sob perseguição e usou-a para formar grandes teólogos.⁷⁸ Ferreira fala que João Knox disse que Genebra era “a mais perfeita escola de Cristo que jamais houve na terra desde a época dos apóstolos”. Ao morrer, as últimas palavras de Calvino foram: “É

⁷⁰ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do Cristianismo, a era dos reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1995, Vol. 6, p. 102-103.

⁷¹ SHELLEY, 2018, p. 275.

⁷² GONZÁLEZ, 1995, p. 103-104.

⁷³ SHELLEY, 2018, p. 275.

⁷⁴ CAIRNS, 1995, p. 249.

⁷⁵ CAIRNS, 1995, p. 249.

⁷⁶ SHELLEY, 2018, p. 275.

⁷⁷ FERREIRA, 2013, p.165.

⁷⁸ SHELLEY, 2018, p.283.

suficiente para mim viver e morrer para Cristo, que é, para todos os seus seguidores, um ganho tanto na vida quanto na morte”.⁷⁹

A contribuição teológica de Calvino é inegável. Ele fez grandes coisas em vida e todos conhecem o lado bom de sua vida e como ele foi um grandíssimo homem de Deus. No entanto, como a Bíblia mostra, grandes homens de Deus podem ser falhos, e são.⁸⁰ Por ser uma cidade que recebia muitos exilados, ocorreu que um deles foi Serveto, que negava a doutrina da trindade. Ele procurou refúgio em Genebra por estar sendo perseguido pelos católicos.⁸¹ Serveto foi executado na fogueira em Genebra e o que poucos sabem é que isso ocorreu a mando de Calvino, que, em um zelo pela doutrina verdadeira, mandou executá-lo para que não influenciasse outros. Infelizmente esse é apenas um relato na vida de Calvino. Uma vítima entre muitas outras que ele fez.⁸²

Para chegar a um modelo de santidade, Calvino estabeleceu um sistema que cuidasse da vida moral das pessoas e estabeleceu penalidade como excomunhão, exílio e até a morte. No ano de 1546, 28 pessoas foram mortas e 76 exiladas.⁸³ “Ninguém podia evitar suas reformas, pois Calvino tentava excomungar quem não se aproximasse dos padrões das Escrituras e, assim, todos os cidadãos de Genebra tiveram de aderir à confissão de fé de Calvino”.⁸⁴

Entre os anos de 1542 e 1546 (apenas quatro anos), embora Genebra contasse com uma população de apenas vinte mil pessoas, houve nada menos de cinquenta e sete execuções capitais, sessenta e seis banimentos e um número incalculável de encarceramentos, tudo por motivos religiosos. Tais pessoas não eram criminosos civis. Tão-somente eram indivíduos que discordavam de uma ou de outra das doutrinas ensinadas por Calvino. Ele usava textos de prova do Antigo Testamento, para encontrar autorização para as suas matanças. Convenientemente, ignorava textos neotestamentários, como Lucas 9:54-56, que nos mostra qual o espírito da pessoa que se envolve com tais coisas. Assim, Jacques Gruet foi decapitado. Jerônimo Bolsac foi encarcerado, e então banido. Sebastião Castellio, que era diretor do sistema escolar de Genebra, foi banido por duas razões: primeira, ele objetava às execuções e aos encarceramentos; em segundo lugar, ele objetava à interpretação dada por Calvino sobre a história da descida de Cristo ao Hades. Calvino dizia que Cristo pregara a condenação no Hades, contradizendo a passagem de I Pedro 4:6. Castellio teve de se retirar de Genebra e foi ensinar grego na Bailéia. Kurtz juntou que esse período foi “um reinado inquisitorial de terror” (vol. 3, pág. 304). Calvino era conhecido por suas explosões de fúria, que ele chamava de sua “fera”.⁸⁵

A trajetória de Calvino em Genebra evidencia a tensão entre a busca por uma sociedade orientada pelos princípios cristãos e o uso de medidas coercitivas para impor determinada

⁷⁹ FERREIRA, 2013, p. 165.

⁸⁰ CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 571-572.

⁸¹ SHELLEY, 2018, p. 282.

⁸² CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 572.

⁸³ CAIRNS, 1995, p. 254.

⁸⁴ CURTIS, 2003, p. 118.

⁸⁵ CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 572.

compreensão da fé. Embora sua contribuição teológica tenha sido significativa, a perseguição e a execução de opositores mostram que o zelo pela doutrina pode assumir um caráter destrutivo quando se associa à intolerância e à imposição pela força. O episódio convida a refletir sobre a necessidade de avaliar não apenas as convicções defendidas, mas também os meios empregados para as sustentar, pois a defesa da verdade cristã não deve ser confundida com a legitimidade de toda ação realizada em seu nome.

3.3 Contextualização

As competições pela razão se fizeram presentes na Reforma. Ganha quem tem a razão e só um pode ser dono da verdade. A Igreja no tempo presente age da mesma forma. Reis, citando C. S. Lewis, afirma:

Crítica construtiva é a de Lewis: “Todos os piores prazeres são puramente espirituais: o prazer de provar que o outro está errado; o prazer de desempenhar papel de mandão, de protetor arrogante, de desmancha-prazeres ou de linguarudo; os prazeres do poder e do ódio. Porque há duas coisas que eu devo procurar transformar. São o eu animal e o eu diabólico. O eu diabólico é o pior dos dois. Essa é a razão por que um homem pretensioso, frio e farisaico, que vai regularmente à igreja, pode estar muito mais perto do inferno do que uma prostituta, mas, naturalmente, é melhor não ser uma coisa nem outra”.⁸⁶

Assim como na Reforma, em que os líderes exigiram liberdade para si, mas a negaram para os outros, a Igreja atua presentemente. Ao tentar sair de regimes autoritários, por vezes a Igreja cai nesse mesmo erro e persegue outras.⁸⁷ Esse zelo destrutivo ocorre quando um irmão se vê tomado pelo seu zelo político e denigre o outro irmão e até mesmo briga por assuntos fúteis ao Reino como times, gostos, entre tantas coisas que não influenciam no Reino. É necessário ver “humildemente que nossa intolerância aos que julgamos errados pode ser erro maior do que o deles. Somos todos falhos”.⁸⁸

A luta pelos ideais na Reforma também resultou muitas vezes na perda do zelo evangelístico. O zelo excessivo pela doutrina e pela liberdade religiosa faz com que o foco da Igreja seja perdido e a grande comissão perca a sua vez na Igreja.⁸⁹ A Igreja estava investindo recursos em si mesma, como muitas vezes ocorre e não se preocupava em plantar outras Igrejas algumas vezes, mas focava apenas na doutrina. Isso tem perpassado os tempos e reflete hoje. As Igrejas que não olham para a multiplicação e para a grande comissão em breve poderão morrer se não forem revitalizadas.

É visto que na Igreja tanto reformada como contemporânea falta a prática da lei do amor. Acima da tolerância deve estar a lei do amor de Cristo, ultrapassando opiniões diferentes, discordâncias doutrinárias e de forma de culto. Entende-se que é possível “tolerar e até mesmo amar a outros, ao mesmo tempo em que discordamos de certos pontos de

⁸⁶ REIS, 2004, p. 91-92.

⁸⁷ GETZ, Gene A. **Igreja, forma e essência**: o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da história e da cultura. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 290.

⁸⁸ REIS, 2004, p. 90.

⁸⁹ SHELLEY, 2018, p. 277.

doutrina de outras pessoas”. Essa lei deve imperar, para que não se mate em nome da teologia e da doutrina. O matar vai muito além do físico; Ele pode ser psicológico, emocional ou espiritual. É preciso que a Igreja acorde para o amor.⁹⁰

Se alguém quiser ser tolerado, precisa usar de tolerância. Se alguém quiser liberdade religiosa, precisará concedê-la a outros. Se alguém quiser ser compreendido, terá de tentar compreender ao próximo. Se alguém quiser desfrutar de paz, precisará promover a paz entre seus semelhantes. Essas são questões fundamentais, mas os preconceitos religiosos, com frequência, manifestam-se com maior força que a razão. Acima da mera tolerância, brilha a compreensão, e acima de ambas rebrilha a lei do amor. O intolerante desconhece quase inteiramente a compreensão, e menos ainda conhece o amor. De fato, o ódio teológico [...] para algumas pessoas, aparece como se fosse uma virtude. E não há ódio tão intenso e persistente quanto o ódio teológico. Os homens chegam a matar por causa da teologia, e pensam estar prestando a Deus um serviço. Os homens escrevem grossos volumes em favor do ódio teológico, pensando que a arrogância religiosa é sinônimo de espiritualidade. A tolerância, de fato, é uma virtude espiritual, mas é apenas um ponto inicial na estrada do amor com que devemos amar ao próximo como a nós mesmos. Assim, ser tolerante é ser compreensivo ao ponto de permitirmos que outros creiam o que creem sem procurarmos prejudicá-los ou tratá-los de forma amarga. A tolerância consiste em um estado permanente de boa vontade, dando margem às diferenças que vemos em outros, mesmo que discordemos dessas diferenças. Consiste em permitirmos que outras pessoas promovam as suas ideias, sem tentarmos restringir suas atividades, o que é precisamente a atitude que nós esperamos da parte dos outros.⁹¹

A reflexão sobre a Reforma evidencia que o zelo destrutivo não pertence apenas ao passado, mas pode manifestar-se também na Igreja contemporânea. Quando a defesa das convicções pessoais ou doutrinárias se sobrepõe ao amor fraternal, a divergência deixa de ser uma oportunidade de diálogo e passa a justificar julgamentos, divisões e conflitos. Por isso, é necessário avaliar não apenas aquilo que se pretende defender, mas também a maneira como essa defesa é conduzida. O zelo cristão precisa estar associado à humildade, ao amor e ao compromisso com a missão da Igreja, para que a busca pela verdade não se transforme em instrumento de destruição da comunhão e do testemunho do Evangelho.

4. O ZELO NA IGREJA MODERNA

Um forte movimento que ocorreu no começo do século XX foi o fundamentalismo. O movimento fundamentalista nasceu no coração de Lyman Stewart, no seu desejo de defender a fé frente ao modernismo nas igrejas e o ataque à fé tradicional. Conseguiu angariar fundos para o projeto de publicar diversos livros em defesa da fé e juntou diversos teólogos para auxiliar no empreendimento. Assim surgiram as obras dos fundamentos.⁹²

⁹⁰ CHAMPLIN, 1995, Vol 6, p. 572.

⁹¹ CHAMPLIN, 1995, Vol 6, p. 571.

⁹² CURTIS, 2003, p. 206-207.

4.1 O fundamentalismo e a defesa da fé

Por um zelo por preservar as Escrituras dos ataques recebidos das teorias evolucionistas, os cristãos e teólogos na época zelaram tanto pela palavra de Deus que se tornaram bitolados e “ignorantes” quanto à cultura “secular”, deixando de alcançar muitas pessoas, afirmando que a única forma de Deus se manifestar era a Bíblia, limitando, assim, o poder de Deus.⁹³

Desde “sempre” a ciência esteve em acordo com a verdade bíblica. O que fugia disso era condenado como heresia. Contudo, a modernidade trouxe a publicação de Darwin sobre a evolução das espécies, o que não estava de acordo com as verdades bíblicas e assustava a Igreja, pois estava ganhando apoio. A Bíblia estava sendo questionada e seculares afirmavam que ela não era digna de confiança. Será que a Palavra era uma falácia e agora Darwin havia descoberto a verdade?⁹⁴ “Alguns imaginavam que essas teorias simplesmente desapareceriam. Outros pensavam que era melhor concentrar-se no evangelismo e em missões (a igreja ainda estava em meio ao apogeu da consciência missionária)”.⁹⁵

Um episódio que marcou essa época ocorreu em 1925. Aconteceu o famoso julgamento de Scopes, professor americano acusado de ensinar a teoria da evolução em sala de aula, o que era visto como uma afronta terrível pelos cristãos e uma quebra da lei americana.⁹⁶ O advogado fundamentalista ganhou o caso, mas perdeu a guerra. A partir de então, cada vez mais os fundamentalistas ficaram conhecidos como “os zelotes, matutos fanáticos e ignorantes, e todos zombavam deles”.⁹⁷

O desejo desses teólogos era defender a fé e levar os cristãos a não se desviarem da sã doutrina, mas seu forte zelo pendeu para um lado que prejudicou a fé. Os que assumiram o movimento tornaram-se radicais, e a partir de 1925 ficaram conhecidos como “cismáticos”, “antiacadêmicos” e “desinteressados dos problemas políticos e sociais”. O movimento rejeitava o debate acadêmico, defendia a Palavra sem um estudo sério do seu conteúdo e passou a ter uma visão escatológica pessimista da história, gerando inúmeras barreiras culturais. “Com o tempo, as igrejas influenciadas por esse movimento se tornaram anti-intelectuais, com ênfase no relacional, terapêutico, carismático ou empresarial”. Isso resultou em várias divisões conservadoras nas grandes denominações americanas.⁹⁸

Embora o fundamentalismo se declarasse defensor da ortodoxia tradicional, ele também serviu para dar origem à novas interpretações da mensagem bíblica. A sua ênfase na infalibilidade absoluta das Escrituras, e a sua rejeição de boa parte dos estudos históricos acerca da Bíblia, tornavam possível a criação de interpretações em que diversos textos se justapunham, para, assim, criar novas doutrinas.⁹⁹

⁹³ FERREIRA, 2013, p. 247.

⁹⁴ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo, a era dos novos horizontes**. São Paulo: Vida Nova, 2000, Vol. 9, p. 48-50.

⁹⁵ CURTIS, 2003, p. 208-209.

⁹⁶ GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo, a era inconclusa**. São Paulo: Vida Nova, 2001, Vol. 10, p. 83.

⁹⁷ CURTIS, 2003, p. 208-209.

⁹⁸ FERREIRA, 2013, p. 247-248.

⁹⁹ GONZÁLEZ, 2000, p. 49-50.

O fundamentalismo tem semelhança com o que aconteceu com Galileu Galilei, que se criou em um mosteiro, mas ao aderir aos ensinamentos de Copérnico, foi atacado por teólogos. Por causa de seus estudos fez grandes descobertas científicas sobre os planetas do sistema solar e principalmente que a terra é que girava ao redor do sol e não era o centro do universo. Ao defender-se em Roma, seu ensino foi considerado heresia, e os presentes não quiseram nem conferir no telescópio essa verdade. Galileu foi obrigado a retratar-se e precisou viver o resto de seus dias em prisão domiciliar.¹⁰⁰

4.2 O fundamentalismo e seus reflexos na Igreja contemporânea

As implicações do fundamentalismo radical ecoam ainda hoje. O zelo em preservar a doutrina de forma radical tornou-se destrutivo. Uma das marcas é “a glorificação do simplista em reação ao sofisticado, do tradicional contra o novo, do rural contra o urbano”. Em alguns casos, o conhecimento e o diálogo com a cultura são rejeitados pelas igrejas ainda hoje. As pessoas envolvidas na “poesia, literatura, escultura, dança, teatro e meios de comunicação”, que foram rejeitadas pelo fundamentalismo e vistas com desconfiança, são as menos alcançadas pelas igrejas atualmente.¹⁰¹ “A ignorância de nada vale. Os homens têm o direito de investigar, pesquisar e prestar relatório de suas descobertas. Os detratores nem sempre estão com a razão. Na maioria das vezes, eles são culpados de crimes que as suas vítimas nem pensam em cometer”.¹⁰²

Na luta contra o liberalismo, a Igreja conseguiu preservar a fé e colocar a Bíblia em posição elevada, o problema é que refletiu na Igreja contemporânea um foco apenas no ensino bíblico, mas com uma falta de perspectiva de prática cristã. Apenas conhecimento sem prática leva ao erro e ao engano (Tg 1.22).¹⁰³ Esses ensinamentos foram e são diversas vezes carregados de alienação quanto a cultura, tornando-a diabólica. Isso resulta hoje em pais que proíbem seus filhos de se contextualizarem, impede que pontes sejam criadas com os não crentes. Isso é substituir a graça maravilhosa de Deus pelo legalismo e rejeitar tudo que é novo ou diferente.¹⁰⁴ Mais alarmante ainda é que pode resultar em atitudes radicais, como da mãe que queimou a mão das filhas por lerem gibis e querer livrá-las da violência, maldade e do diabo.¹⁰⁵

Triste causa do zelo excessivo do fundamentalismo é que “quase toda população evangélica brasileira, com poucas exceções, tem sérias dificuldades para se relacionar adequadamente com uma pessoa pagã. Ela não sabe pensar como um não-cristão pensa, não sabe falar como ele nem conviver em uma simples amizade”. Os crentes apenas sabem despejar conceitos teológicos, leis espirituais e não conseguem criar pontes de contato entre a cultura e a pessoa que se almejam alcançar, não conseguindo o direito de ser ouvido.

¹⁰⁰ CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 572.

¹⁰¹ FERREIRA, 2013, p. 247-248.

¹⁰² CHAMPLIN, 1995, Vol. 6, p. 572.

¹⁰³ GETZ, 1994, p. 298-299.

¹⁰⁴ KEMP, Jaime. **Pastores em perigo**: ajuda para o pastor, esperança para a igreja. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 155.

¹⁰⁵ REIS, 2004, p. 87.

Também é verdade que quando o pagão se converte e se integra em uma igreja local, em poucos anos, também perde a capacidade de relacionar-se com os seus vizinhos. Por consequência, o Evangelho tem tomado uma forma que não é dele: uma forma “puritana, pouco dada ao riso, sem muito entusiasmo pelas belezas e divertimentos que a vida terrena proporciona”.¹⁰⁶

Muitos crentes carregam no rosto uma expressão semelhante à de alguém chupando um limão bem azedo! Não é de se admirar que o pagão não se interesse pelo Evangelho quando os crentes têm na ponta da língua (quando não impressa em papel para distribuição) uma lista enorme de proibições: não cortar cabelos, não usar calça comprida (as mulheres), não beber vinho, não ir ao cinema, não, não, não... É o tradicionalismo erguendo sua carranca feia, aterrorizadora.¹⁰⁷

Assim, a experiência histórica do fundamentalismo e seus reflexos na Igreja contemporânea evidenciam que a defesa da doutrina, quando desvinculada do amor e da disposição para o diálogo, pode produzir afastamento, intolerância e divisões. Preservar as convicções bíblicas não significa rejeitar o conhecimento, a cultura ou aqueles que pensam de maneira diferente. O zelo cristão precisa estar orientado pelo amor ao próximo e pelo compromisso com a missão da Igreja, para que a defesa da fé não se torne um obstáculo ao testemunho do Evangelho. Desse modo, o desafio não está em abandonar as convicções, mas em sustentá-las de maneira coerente com os princípios cristãos que se pretende defender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou como a história da Igreja é relevante e atual, pois onde o zelo não foi aplicado de forma correta houve destruição. Na Igreja imperial foi visto que, com seu zelo destrutivo, excluía pessoas como medida de evitar doutrinas e intensos debates teológicos. Já a Igreja medieval, que passou a zelar apenas pelas estruturas, pompa e poder, em detrimento da Palavra e da vontade de Deus, causou a morte e a destruição. A Igreja reformada, que em seu zelo pela doutrina e para voltar as raízes, perseguiu e matou os outros, mesmo que esses fossem crentes em Cristo. No seu zelo só havia espaço para um pensamento, seu zelo foi intolerante e destrutivo. A Igreja moderna, zelou tanto em proteger as Escrituras do ataque dos pensamentos modernos, como o evolucionismo, que gerou uma Igreja bitolada e alheia aos problemas do mundo e à cultura.

Quando há zelo excessivo, o resultado é sempre esse e também é ir contra a vontade de Deus. Assim também é ainda hoje, quando o assunto é o cuidado com as coisas de Deus. É necessário um equilíbrio entre o excesso de zelo e a falta de zelo para que Deus se agrade do Seu povo e a Sua vontade seja feita. Esse equilíbrio só pode ser alcançado ao conhecer a vontade de Deus na Palavra e como Ele tratou o assunto, assim como observar a perspectiva histórica e bíblica e ver de forma empírica o que deve ou não ser feito.

As consequências do zelo destrutivo são diversas. Apresentam-se em uma igreja que se preocupa muito mais com formalismo do que com a essência bíblica; imita o exemplo dos

¹⁰⁶ KEMP, 2006, p. 157-158,160.

¹⁰⁷ KEMP, 2006, p. 160.

fariseus e se importa muito mais com a regra do que com a própria vida; não anseia por revitalização e sempre se mantém a mesma e não alcança novas pessoas; importa-se mais com dinheiro do que missões; dá mais importância a prédios do que a discipulado e, ainda, por querer defender a Palavra do mundanismo, fica bitolada e alheia às novas culturas e perde pontes de contato com os não cristãos.

Champlin afirma que:

O zelo puro pode realizar mais do que o conhecimento; mas sem esse fator, geralmente mostra-se mal orientado ou exagerado, para nada dizermos que pode ser até abertamente prejudicial. O zelo por alguma causa errada é perigoso e arruinador. E até o zelo mal orientado por uma boa causa pode criar um espírito acalorado e prejudicial, se não for equilibrado pela razão e pelo conhecimento.¹⁰⁸

O que Deus deseja é uma vida equilibrada - essa é a vontade de Deus. O equilíbrio é a chave para a vida cristã e isso se aplica também ao zelo.¹⁰⁹ Como afirma Stott, o equilíbrio no zelo é tudo: “Dou graças a Deus pelo zelo. Que jamais o conhecimento sem zelo tome o lugar do zelo sem conhecimento! O propósito de Deus inclui os dois: o zelo dirigido pelo conhecimento, e o conhecimento inflamado pelo zelo”.¹¹⁰ A pessoa que zela pela vontade de Deus mostra-se permeada de amor e da direção do Espírito Santo, pois quando Ele não está presente, o homem está suscetível a erros terríveis.

É notável, através da pesquisa, que esse zelo perigoso ainda está presente no contexto eclesial e na vida das pessoas. Apenas as formas com que o zelo destrutivo se apresenta mudaram, mas no cerne ele age da mesma forma, deturpando o Evangelho, levando pessoas ao ódio, intolerância, ao erro e principalmente, a fugir da vontade equilibrada de Deus. Foi importantíssimo ver de forma prática como ele pode se apresentar para que, assim, ele possa ser identificado e evitado nas Igrejas e pelas pessoas de Cristo.

REFERÊNCIAS

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 508 p.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia**. Tradução de João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 5 e 6.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo: Deuterônimo, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 2. 1460 p.

CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Vida, 2003. 239 p.

¹⁰⁸ CHAMPLIN, 1995, Vol 6, p. 886.

¹⁰⁹ MODES, Josemar. **Aula da disciplina de missão integral e responsabilidade social**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 02 dez. 2021.

¹¹⁰ STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2001, p. 7.

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história:** das origens aos dias atuais. São Paulo: Vida Nova, 2013. 315 p.

GETZ, Gene A. **Igreja, forma e essência:** o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da história e da cultura. São Paulo: Vida Nova, 1994. 420 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era das trevas. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 3. 181 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era dos altos ideais. São Paulo: Vida Nova, 2001. Vol. 4. 185 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era dos sonhos frustrados. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 5. 172 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era dos reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 6. 219 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era dos novos horizontes. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 9. 212 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo, A era inconclusa. São Paulo: Vida Nova, 2001. Vol. 10. 142 p.

KEMP, Jaime. **Pastores em perigo:** ajuda para o pastor, esperança para a igreja. São Paulo: Hagnos, 2006. 253 p.

LEBEDENCO, Ricardo. **Aula da disciplina de administração eclesiástica.** Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 04 abr. 2022.

MODES, Josemar. **Aula da disciplina de missão integral e responsabilidade social.** Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 02 dez. 2021.

ORTIZ, Juan Carlos; BUCKINGHAM, Jamie. **Ser e fazer discípulos.** São Paulo: Loyola, 1979. 126 p.

REIS, Francisco Mancebo. **Além da letra:** reflexões sobre a palavra viva e eficaz. Rio de Janeiro: JUERP, 2004. 144 p.

RINEHART, Stacy T. **Liderar à luz da eternidade:** o modelo de Jesus. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2021. 192 p.

SHEDD, Russell Philip. **O líder que Deus usa:** resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio. São Paulo: Vida Nova, 2000. 128 p.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo:** uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018. 560 p.

SOCIEDADE Bíblica Internacional. **Bíblia Sagrada:** nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000. 1040 p.

STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2001.